



## As práticas de turismo pedagógico e os espaços educacionais em uma escola do campo

Andréia Saidelles Rossi<sup>1</sup>  
Estela Maris Giordani<sup>2</sup>

**Resumo:** O turismo pedagógico (TP) contempla aulas-passeio intencionais curtas e longas em espaços educacionais na e para além da escola. A pesquisa analisou práticas de TP na escola do campo Municipal do Ensino Fundamental José Paim de Oliveira (JPO) localizada em Santa Maria. O objetivo da pesquisa foi compreender os espaços educacionais das práticas de Turismo Pedagógico nos anos iniciais. Viagens reais e virtuais, com ou sem/dentro ou fora do meio de transporte, em tempos e em espaços no e para além do próprio município são considerados locais educativos contextualizados que trazem sentido às situações cotidianas ou não e a docência rumo à formação cidadã. A metodologia é de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. A coleta de dados foi com entrevistas semiestruturadas, com dez professores. Os dados foram analisados com a técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontam para o impacto destes projetos de trabalho na vida pessoal e profissional de vários protagonistas pertencentes a esta escola. Evidenciou-se que o TP é uma prática educativa que alia a teoria da sala de aula com as experiências vivenciadas perto e longe da escola, gerando conhecimentos significativos e seres ativos, dispostos a descobrir ambientes naturais e culturais. Estas práticas contribuem para formação de cidadãos conscientes do dever de agir na própria comunidade e escola em que vivem de forma humana com pessoas de diferentes idades e formas de viver e reviver suas histórias de vida para ficar na memória de cada viajante infantil, adolescente ou adulto.

**Palavras-chave:** educação cidadã; Práticas de Turismo Pedagógico; espaços educativos.

### **Pedagogical tourism practices and educational spaces in a countryside school**

**Abstract:** Pedagogical tourism (TP) includes short and long intentional tour classes in educational spaces in and beyond the school. The research analyzed TP practices at the José Paim de Oliveira Municipal Elementary School (JPO) located in Santa Maria. The objective of the research was to understand the educational spaces of Pedagogical Tourism practices in the initial years. Real and virtual trips, with or without/inside or outside the means of transport, in times and spaces in and beyond the municipality itself are considered contextualized educational places that bring meaning to everyday situations or not and teaching towards citizenship training. The methodology is a qualitative approach, of the case study type. Data collection was through semi-structured interviews, with ten teachers. The data were analyzed using the content analysis technique. The results point to the impact of these work projects on the personal and professional lives of several protagonists belonging to this school. It was evident that TP is an educational practice that combines classroom theory with experiences lived near and far from school, generating significant knowledge and active beings, willing to discover natural and cultural environments. These practices contribute to the formation of citizens aware of the duty to act in the community and school in which they live in a human way with people of different ages and ways of living and relive their life stories to remain in the memory of each child, adolescent or adult traveler.

**Keywords:** citizen education; Pedagogical Tourism Practices; educational spaces.

---

<sup>1</sup> (UFSM). E-mail: [deiasaidelles@gmail.com](mailto:deiasaidelles@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação (UNICAMP). Professora (UFSM). E-mail: [estela.giordani@ufsm.br](mailto:estela.giordani@ufsm.br).

### **Prácticas de turismo pedagógico y espacios educativos en una escuela de campo**

**Resumen:** El turismo pedagógico (TP) incluye clases guiadas intencionales de corta y larga duración en espacios educativos dentro y fuera de la escuela. La investigación analizó las prácticas de TP en la Escuela Primaria Municipal José Paim de Oliveira (JPO) ubicada en Santa María. El objetivo de la investigación fue comprender los espacios educativos de las prácticas de TP en los años iniciales. Los viajes reales y virtuales, con o sin/dentro o fuera del medio de transporte, en tiempos y espacios dentro y fuera del propio municipio, se consideran lugares educativos contextualizados que aportan significado a situaciones cotidianas o no y enseñanza para la formación ciudadana. La metodología es un enfoque cualitativo, del tipo estudio de caso. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestructuradas, con diez docentes. Los datos fueron analizados mediante la técnica de análisis de contenido. Los resultados apuntan al impacto de estos proyectos de trabajo en la vida personal y profesional de varios protagonistas pertenecientes a esta escuela. Se evidenció que la TP es una práctica educativa que combina la teoría del aula con experiencias vividas cerca y lejos de la escuela, generando conocimientos significativos y seres activos, dispuestos a descubrir ambientes naturales y culturales. Estas prácticas contribuyen a la formación de ciudadanos conscientes del deber de actuar en la comunidad y escuela en la que conviven de manera humana con personas de diferentes edades y formas de vivir y revivir sus historias de vida para permanecer en la memoria de cada niño, viajero adolescente o adulto.

**Palabras clave:** educación ciudadana; Prácticas de Turismo Pedagógico; espacios educativos.

## **1 Introdução**

Turismo pedagógico (TP) pode ser considerado toda prática educativa que acontece nas escolas ou universidades, capaz de trabalhar a teoria das áreas do conhecimento por meio da experiência da realidade do cotidiano em vários espaços educacionais fora das quatro paredes de sala de aula. É importante destacar que o início e o final destes projetos de trabalho geralmente ocorrem em sala de aula, pois envolvem o planejamento e a avaliação dos professores juntamente com os alunos. Do ponto de vista de muitos autores, essas práticas de TP são chamadas de visitas escolares, viagens de estudos, saídas ou aulas de campo, aulas-passeio, acampamentos (atividades de férias), estudo do meio e excursões pedagógicas. São trabalhos extraclases, que podem ser realizados dentro ou fora do pátio da escola e até mesmo da própria cidade, o que possibilita o respeito pela diversidade de cultura, por meio da convivência com diferentes seres humanos e espaços educativos sociais.

A problemática da pesquisa gira em torno da seguinte questão: quais os espaços educacionais das práticas de TP nos anos iniciais do ensino fundamental na escola do campo? Nesta pesquisa, debateu-se sobre como é a atuação profissional dos professores na

organização das aulas-passeio relacionadas ao estudo do meio escolar e extraescolar através de projetos com TP que potencializam o processo de ensino e aprendizagem.

Atendendo a problemática desta pesquisa, se pretende alcançar o seguinte objetivo geral: compreender os espaços educacionais das práticas de turismo pedagógico nos anos iniciais. Partindo do objetivo geral da pesquisa, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: 1) analisar quais os espaços educacionais visitados com as turmas; 2) identificar os motivos das escolhas pelos espaços educacionais; 3) perceber quais os espaços educacionais visitados mais de uma vez com outras turmas.

Entende-se que essas práticas de TP podem contribuir para a auto (formação) de estudantes/turistas pedagógicos e trazer uma maior conexão do saber teórico com o saber prático, bem como a transform(ação) na vivência de conteúdos de diversas disciplinas em diversos espaços educacionais urbanos e rurais. Há uma necessidade de elaboração de estudos em torno dessa problemática ainda não suficientemente trabalhada no curso de graduação em Pedagogia. Percebe-se que existem professores que ainda não conhecem o termo “turismo pedagógico” que engloba os trabalhos educacionais que estimulam os estudantes a novas descobertas diárias de forma diferente para além da sala de aula.

Esta pesquisa tem sua utilidade nos ambientes universitários e escolares, pois o TP busca agregar ao processo de ensino e aprendizagem vivências e experiências transformadoras que estejam mais próximas à realidade dos alunos, de modo mais leve, levando em conta seus conhecimentos em relação aos estudos e à vida. Acredita-se que esses projetos de trabalho favoreçam a construção de ações pedagógicas interdisciplinares que despertem o desejo de experimentar e conhecer mais sobre tudo e toda(o)s. Assim, o TP pode contribuir não só para despertar o interesse em aprender, mas também motivar os discentes e os docentes a ensinar.

Continuadamente, apresenta-se o caminho da fundamentação teórica e define-se o percurso metodológico das práticas de turismo pedagógico. Logo, relatam-se os dados e a discussão de cada objetivo da pesquisa. Por fim, desenvolvem-se as considerações finais.

## **2 Os diferentes espaços educacionais como possibilidades formativas do TP**

Os espaços territoriais onde acontecem os processos educacionais vão muito além da sala de aula na escola. Segundo Gohn (2006), é possível falar em educação formal, não formal e informal e a autora faz uma distinção entre as três modalidades, demarcando seus

campos de atuação, quais sejam a educação: a) formal; b) informal; e c) não formal. Desse modo, essas modalidades da educação que podem ser complementares ocorrem em espaços diferentes, mas possuem objetivos semelhantes referentes à formação integral do ser humano. Pois a educação formal é organizada por séries, idade e conteúdos de disciplinas que formam o currículo da escola. A educação informal pode envolver valores culturais e acontecer em vários espaços educativos, além de desenvolver o senso comum dos indivíduos, orientando suas formas de agir, ser e pensar. Já na educação não formal há o desenvolvimento do trabalho em grupo, formação para a vida e não apenas para o mercado de trabalho.

E afinal, quem são os educadores nestes espaços educacionais formais, informais e não formais? De acordo com Gohn (2006, p. 29), na educação formal são os professores. Na não formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem é possível interagir ou integrar-se. Na educação não formal os agentes educadores são famílias, amigos, vizinhos, colegas de escolas, redes sociais etc. Em diversos momentos, a aprendizagem de determinados conteúdos requer além de vivências escolares, vivências comunitárias, a fim de que haja aprendizagens e ensinamentos mais amplos e dinâmicos entre a turma.

E afinal onde se educa? Segundo a educadora Gohn, a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, nas instituições de ensino básico, médio e superior. A educação não formal é aquela desenvolvida nos espaços educativos que acompanham as trajetórias de vida das pessoas e dos grupos sociais, fora das escolas, em locais onde há processos interativos intencionais. E essa intencionalidade a torna diferente dos outros espaços educativos. Já a educação informal envolve a própria casa, rua, comunidade e escola e outros espaços educativos abertos ao público. Os espaços existentes fora da sala de aula também podem ser aproveitados para promover atividades com foco educativo. Entre os mais diversos locais para a realização dos projetos de TP, podem-se citar os parques temáticos, praças, museus, fábricas, teatros, cinemas, postos de saúde, áreas verdes, zoológicos, indústrias, supermercados etc.

Em relação à finalidade ou aos objetivos de cada um dos campos de educação, segundo Gohn, na educação formal, destacam-se objetivos relativos ao ensino e à aprendizagem de conteúdos normalizados por leis, pois ela objetiva formar o indivíduo como um cidadão ativo em sociedade, desenvolver diversas habilidades e competências, promover o desenvolvimento da criatividade, imaginação, coordenação motora etc. A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos diários, atitudes,

comportamentos sociais, modos de pensar sobre a vida e de se expressar no uso da linguagem humana, segundo valores de grupo que se convive desde a existência a este universo. A educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do/no mundo.

Segundo Gohn (2006, p. 36), “Articular a educação, em seu sentido mais amplo, com os processos de formação dos indivíduos como cidadãos, ou articular a escola com a comunidade educativa de um território é um sonho, mas também uma urgência e uma demanda da sociedade atual”. E segue comentando a respeito do nosso trabalho: “Por isso trabalhamos com um conceito amplo de educação que envolve campos diferenciados, da educação formal, informal e não formal”. Desse modo, é preciso pensar de forma ampla na educação e articulá-la aos processos formativos dos alunos.

Comenta-se que o TP, que engloba aulas-passeio com maior ou menor duração de tempo, permite uma interação com os diversos espaços culturais da sociedade e com diferentes histórias de vida. O TP pode contribuir para dar continuidade nessa comunicação entre o passado e o presente, além de deixar sua contribuição no futuro, pois aproxima o consumo do lazer, bem como do prazer em aprender a desenvolver cidadania. Além disso, proporciona uma forma diferente de tratar a realidade dos alunos. Isso os leva a gerarem sentimento de pertencimento a um espaço educativo, reconhecerem sua identidade enquanto povo, e sentirem-se integrantes de seu próprio ambiente, capazes de ter voz e vez e perceber as necessidades de sua comunidade ao tentar achar soluções para os problemas sociais. Isto facilita a construção de uma formação cidadã em trabalhos escolares e não escolares.

No turismo pedagógico, o “material didático” passa a ser o ambiente cultural e natural; e o aluno, como turista, é quem experiencia, questiona e aprende com os elementos desse ambiente. Nesse sentido, observa-se que uma atividade turística de cunho educativo, pode propiciar momentos essenciais à aprendizagem ao despertar no sujeito a curiosidade por diferentes grupos locais e relações sociais que serão analisadas em paisagens naturais, urbanas e rurais (Andrade, 2022, s/p).

Em uma pesquisa de campo, o próprio espaço educacional acaba sendo a bibliografia para o estudo. E os indivíduos aprendem, assim, a estar em diversos espaços educacionais, aprendendo a ler as realidades naturais, rurais e urbanas.

### 3 Metodologia

Ao ter em vista os objetivos e a problemática de pesquisa, como trajeto metodológico, produziu-se uma pesquisa de campo na Escola Municipal do Ensino Fundamental José Paim de Oliveira, localizada na localidade de Alto das Palmeiras, no distrito de São Valentim do município de Santa Maria. Segundo Gonçalves (2001, p. 67), “a pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre - ou ocorreu - e reunir um conjunto de informações a serem documentadas”. Nesse sentido, o pesquisador pretende buscar a informação diretamente com os pesquisados durante a pesquisa.

Aderiu-se ao método de pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, com a intenção de analisar quais os espaços educacionais das práticas de TP nos Anos Iniciais do ensino fundamental na escola do campo. Flick (2009, p. 17) relata que a pesquisa qualitativa é um estudo das relações sociais devido à multiplicidade das esferas da vida. Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso que, segundo Yin, (2005, p. 32): “[...] é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Os sujeitos participantes da pesquisa, neste estudo, foram dez professores de uma escola do campo. Utilizaram-se números naturais em ordem crescente de 1 a 10 para selecionar os professores da pesquisa: professor 1 (P1), professor 2 (P2), professor 3 (P3), e assim sucessivamente até professor 10 (P10). P1: 59 anos de idade e 33 anos de experiência nos anos iniciais (AI), magistério, graduado em pedagogia, pós-graduado em coordenação pedagógica; P2: 69 anos de idade, magistério, formado em ciências físicas e biológicas, especialista na área da Educação para ciência na UFSM; P3: 64 anos de idade e 18 anos de experiência nos AI, magistério, especialista em português e em gestão escolar, em psicopedagogia e supervisão escolar; P4: 60 anos de idade e 32 anos de experiências nos AI, licenciado em Educação física com especialização em treinamento Físico Desportivo; P5: 52 anos de idade e 16 anos de experiência nos AI, formado em técnico agrícola, em pedagogia, pós-graduado em educação infantil e em gestão escolar; P6: 54 anos de idade e 4 anos de experiências nos AI com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental, formado em Pedagogia, Educação Infantil e pós-graduado em informática; P7: 43 anos de idade e 20 anos de experiência nos AI, magistério, graduado em matemática, especialista em ensino de matemática e em gestão escolar, mestre em ensino

de matemática; P8: 56 anos de idade e 31 anos de experiência nos AI, pedagoga e mestre em ensino, humanidades e linguagens pela UFN (Universidade Franciscana); P9: 59 anos de idade e 35 anos de experiência nos AI, formado em Pedagogia e pós-graduado em educação religiosa; P10: 60 anos de idade e 10 anos de experiência nos AI, formado em estudos sociais, área de história e geografia.

No sentido da construção dos dados da pesquisa, realizaram-se entrevistas semiestruturadas, com os professores de uma escola do campo. Escolheu-se este instrumento de coleta de dados para a pesquisa, pois esse tipo de entrevista é baseado em um roteiro mais flexível para o entrevistador dialogar com seus entrevistados. Minayo (2009, p. 65) define a entrevista como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador e não do entrevistado, sendo uma forma privilegiada de interação social. As entrevistas foram produzidas diretamente na escola ou via ligações por telefone, com somente um roteiro de perguntas para conseguir respostas dos professores da escola do campo. Primeiramente, foi uma conversa, tentando “quebrar o gelo” relacionando os questionamentos com os objetivos do trabalho de pesquisa. Cada entrevista durou por volta de 30 minutos à 1h, e foi aumentando conforme persistia a curiosidade da entrevistadora com os entrevistados durante o trabalho. No fim das entrevistas, os registros orais ficaram gravados em áudio para em seguida serem transcritos para organizar os discursos dos professores.

Algumas inquietações surgiram referentes à área de estudo. Procurou-se saber os lugares que já foram visitados com as turmas, o porquê da escolha destes lugares e se os professores buscam retornar com as turmas em lugares já visitados anteriormente com outras turmas. Diante disso, para que as respostas dos professores estivessem interligadas aos objetivos da pesquisa, foi preciso ter um bom planejamento do roteiro de entrevista.

Após a construção dos dados por meio das entrevistas, foi sugerida a análise de conteúdo como forma de análise de dados. Sobre a análise de conteúdo, apresenta-se uma citação de Bardin (2011, p. 8), a qual explica a referida dimensão de pesquisa e comenta que é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não)”. Bardin também dá destaque para três etapas no processo de análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação). Sendo assim, após o retorno das entrevistas, foi observado o método da análise de conteúdo.

## 4 Análise e Discussão dos Resultados

### 4.1 Espaços educacionais visitados com as turmas

Nas entrevistas realizadas com os dez professores dos anos iniciais a respeito de projetos de TP desenvolvidos ao longo de suas práticas, os professores se manifestaram sobre: os espaços educacionais visitados com as turmas, motivos das escolhas pelos espaços educacionais e espaços educacionais visitados mais de uma vez com outras turmas.

Da análise dos dados, emergiu uma temática sobre os espaços educacionais extraescolares que foram muito destacados pelos professores: espaços rurais e urbanos como espaços educacionais. Em relação aos espaços educativos trabalhados, muitos deles manifestaram que geralmente, por facilidade de acesso, planejam as atividades em espaços mais próximos à escola. A P1 comenta que “[...] a gente saía na estrada, ia para o campo, pra horta escolar [...] tava um calorão, a gente [...] ia trabalhar na sombra. E se tava muito frio, a gente saía pra realizar alguma atividade no sol”. E continua: “[...] City Tour [...] conhecer os pontos turísticos de Santa Maria. [...] Vila Belga, Monumento do Ferroviário, o parque da Medianeira, a Igreja da Catedral, Museu Vicente Pallotti, Fábrica da Coca-Cola, no Zoológico São Brás [...]”. Acrescenta ao seu depoimento: “viagens também pra fora da cidade [...] no autódromo [...]. Geralmente quando a gente fazia a viagem ao planetário [...] fazia a viagem no Jardim Botânico da UFSM”.

Todos os professores visitam com os estudantes várias propriedades rurais localizadas no próprio distrito onde se encontra a escola, o chamado distrito de São Valentim. O P2 relata que “Teve algumas feiras de ciências [...], cinema do Praça Nova [...], Museu da PUC”. E acrescenta à sua fala: “também em várias propriedades no Alto das Palmeiras em São Valentim [...] pra conhecer e ver por onde passava todo esse povo. [...] visitar as lavouras [...], propriedade rural sustentável [...]”. Finaliza ao dizer que “E, essa ida, a interação, a sociabilidade deles no ônibus é muito bom!”

A escola trabalha não apenas em ambientes fechados, mas em ambientes abertos, como, por exemplo, em espaços que envolvem a horta escolar, que é considerado, por alguns professores, um dos espaços educacionais que abraça a chamada aula-passeio. P4 informa que realizou experiências em “lugares bem relacionados com a natureza perto da escola”. Já o P5 alega que: “Uma caminhada ecológica ou de estudos. [...] De longa



*duração, com os anos iniciais, não*". E continua: "[...] caminhadas aqui perto da escola, os balneários, o CTG, visitas no pessoal da comunidade [...]. Nas visitas nas famílias, vão só os professores, os alunos não vão [...]". Enfatiza que "*Quando as viagens são feitas no distrito, no CTG, as famílias são convidadas a participar, tem várias que vão. [...] A escola sempre participa todos os anos com um grupo de alunos nos dois desfiles, no dia da independência do Brasil e no dia do Gaúcho*".

Percebe-se, também, que são feitas visitas na casa das famílias dos estudantes e que, muitas vezes, elas também são convidadas a participarem dos projetos de TP. O P6 comenta: "[...] piquenique nas casas das famílias [...], a gente passava o dia lá [...] para trabalhar com eles né, conhecer [...] a propriedade delas, a realidade deles [...]". E complementa: "*piquenique nas Dores, e no campo [...] Teatro Treze de Maio*". Finaliza ao dizer que "*Com o 1º ano, fora de Santa Maria, não*".

Grande parte dos entrevistados realizam caminhadas pela estrada próxima à escola para observar o que tem na própria comunidade escolar. A P7 informa que "*Um momento vivenciado ali na horta não deixa de ser uma aula-passeio, acho que tudo aquilo que sai da sala de aula, sai das quatro paredes né é considerado uma aula-passeio né, tanto dentro ou fora da escola*". Informa que "[...] a gente caminhou pela [...] estrada da escola [...] para a gente ver o que tem [...] na nossa comunidade [...], pátio da escola [...], um momento de aprendizagem [...]". E salienta a importância de "*trabalhar a questão das memórias, da tecnologia e inovação do campo [...]*". Finaliza sua fala ao dizer que "*Durante o ônibus também é um momento de aprendizagem, de troca de conversas entre eles*".

Observa-se, a partir dos relatos das professoras que trabalham com turmas do 1º ano, que elas não levam suas turmas para além de Santa Maria. Mas também, que os passeios ou as viagens acontecem dentro do próprio distrito onde localiza-se a escola ou apenas na própria cidade. O P9 comenta que "[...] a gente visita a sede do próprio distrito onde se localiza a escola [...], as visitas nas propriedades rurais [...]". Relata que "*fomos no centro de Santa Maria, visitar [...] o museu Gama D'êça, a praça Saldanha Marinho, tivemos contato com os indígenas que trabalham na rua [...] a gente visitou, passeou, foi na igreja, fomos no supermercado [...]*". E finaliza ao dizer que "*Não saímos pra fora da cidade*".

Os entrevistados consideraram o próprio ônibus como um espaço educativo, pois durante o caminho pode-se levar em conta além do diálogo entre a turma, a educação para

a paisagem, por exemplo. Além disso, um dos professores lembrou as visitas de fim de ano que não eram tanto de estudos, pois eram mais recreativas, mas que não deixavam de ser educativas. A P10 diz “[...] a Estação Férrea [...]”. Comenta que “[...] a gente ia em outras escolas, apresentar o nosso trabalho de teatro [...] na Mata, em São Miguel das Missões em Santo Ângelo [...], na Câmara dos Vereadores [...], na praça do Malé [...]”. Informa que “as viagens e os passeios de fim de ano que já não eram tanto de estudos [...], era mais recreativa, era um prêmio para o aprendizado do ano [...] isso aí também é conhecimento, também é experiência, é cultura [...]”. E finaliza sua fala, dizendo “O próprio trajeto que a gente acompanha dentro do ônibus já é também uma aprendizagem, de troca de diálogo e fora a observação [...] mudança da paisagem”. O entrevistado P5 conta que “[...] naquele matagal cercado pelo campo perto da escola [...] parei porque colocaram caixas de abelhas, é perigoso”. A entrevistada P9 fazia passeios ao redor da escola e, mesmo sendo próximo à escola, a professora justifica não realizar mais por conta da segurança das crianças. Esta professora ainda revela que “Lá no início, a gente realizava mais caminhadas ao redor da escola, mas com o desenvolvimento da zona rural, isso a gente parou de fazer, porque [...] tem movimentos de caminhões, de máquina, de trator e as turmas hoje são de crianças mais desinquietas né”. E continua: “são mais ativas e isso dificulta, a gente fazer esse tipo de atividade sem ter uma monitoria maior, só um professor é complicado. [...] Nunca fiz um passeio com as crianças, sozinha, uma que é necessária pela organização das turmas, é muito importante pela segurança [...]”.

A P9 também relata que nunca sai da escola sozinha com suas turmas de crianças e destaca a impossibilidade disso acontecer durante os projetos de TP. O P4 disse: “Já fui com duas turmas de 3º ano para o balneário sozinho e não deu problema nenhum! Chamei todo mundo e disse: óh é assim, e assado: o primeiro fato que acontecer nós vamos voltar para casa e pronto!”. Já o P5, comenta que já realizou visitas de estudo com a criança sozinha, mas apenas com uma turma, pois com duas ou mais turmas é preciso receber acompanhamento da direção, vice-direção, supervisão escolar, professores, monitores, estagiários ou até mesmo alguém da família durante as aulas-passeio. O P5 comunica que “Esses passeios [...] nos balneários, eu fui sozinho [...]”. E que “Quando é viagem com duas turmas, sempre vai alguém da direção, vice-direção ou supervisão [...], vão mais professores ou monitor ou estagiário se a escola tem no momento pra poder acompanhar alunos mais hiperativos, com necessidades especiais [...]”. Pois, “dependendo do aluno, a gente pede para família ir junto”. Notou-se que vários

professores realizam com as crianças visitas em diversos pontos turísticos na e fora da Santa Maria em ambientes rurais e urbanos. E percebeu-se, que alguns deles visitam diversas escolas dos distritos da cidade. A P3 relata que *“No José Paim eram passeios mais próximos à escola com a finalidade de escrever e produzir textos. [...] passeios turísticos [...] lá na feira do livro [...] todos os anos, com a intenção de adquirirem livros e aí envolvia bastante a leitura. [...] eles ficam lendo naquele ônibus [...]”*. Anuncia que *“aproveitávamos os torneios de futebol que aconteciam com outras escolas. [...] passeios que envolviam além do Meio Rural, o Meio Urbano [...]”*. A P10 relata que *“Quando é esse estudo de campo [...], pesquisa mais in loco, o próprio local acaba sendo a tua bibliografia para estudar [...], o próprio ambiente natural acaba sendo teu local de trabalho”*. Pode-se dizer que é possível criar uma conexão com o ambiente.

Pensar em uma educação fora dos muros da escola seria um estudo do meio, onde os alunos participam de atividades ao ar livre e possuem um contato direto com o patrimônio, o que é de suma importância para o desenvolvimento físico, intelectual e social dos alunos [...]. Essa relação entre o turismo e a educação faz com que muitos dos alunos construam uma consciência em relação a diversos fatores, como questões de preservação ambiental e manutenção do patrimônio cultural (Moraes, 2016, p. 108).

O TP faz parte da metodologia ativa, pois é uma prática educativa que alia a teoria da sala de aula com as experiências vivenciadas perto e longe da escola, o que geram conhecimentos significativos para seres vivos dispostos a descobrir o mundo!

#### **4.2 Motivos das escolhas pelos espaços educacionais**

No decorrer da pesquisa descobriu-se a partir das entrevistas os motivos das escolhas pelos espaços educacionais que os professores visitam juntamente com a escola para aprimorar seus projetos de trabalho a partir das aulas-passeio. A seguir mostra-se e analisam-se algumas informações que surgiram nas entrevistas. Nesta seção encontram-se três temáticas sobre a escolha destes espaços educacionais de projetos de TP considerados pelos professores: a) a relação teoria e prática em projetos de TP; b) o patrimônio cultural como ferramenta para impulsionar o TP; c) a promoção da educação ambiental por meio da criatividade nas aulas-passeio.

No que convém a primeira temática “A relação teoria e prática em projetos de TP”, a P7 salienta que escolheu estes lugares porque *“tem a ver com o conteúdo, [...] eles*

*enriquecem o currículo da escola [...] e tudo que a gente vivencia dá sentido, forma uma aprendizagem com significado [...], não apenas ficam naquela decoreba*". E a P6 comenta que fez a escolha destes espaços educacionais para *"trabalhar o que a gente tava trabalhando em sala de aula, relacionar a teoria com a prática e deixar as crianças também mais à vontade"*. A P9 argumenta que a escolha destes lugares em que são feitas estas práticas educativas *"sempre é feita em grupo, porque essa visitação [...] tem que t  ligada   nossa proposta pedagógica"*. A rela o teoria e prática nestes projetos de trabalho potencializa o processo de ensino e aprendizagem. Para Moraes (2016, p. 90) *"[...] Célestin Freinet foi um dos primeiros educadores a defender a amplia o de olhares dos alunos para fora do ambiente escolar"*. Torna-se necessário enfatizar o patrim nio cultural como ferramenta para impulsionar o TP, a fim de conhecer o passado, compreender melhor o presente e projetar bem o futuro.

Quanto   segunda temática "patrim nio cultural como ferramenta para impulsionar o turismo pedagógico", P1 revela que escolheu os espaços educacionais a fim de construir um projeto de aula-passeio que trabalhasse a educa o financeira, por exemplo. Mas também, com o intuito de produzir mais conhecimento a respeito de diversos lugares da cidade, bem como da história e da cultura de Santa Maria. Além de aproximar as vivências escolares com as vivências comunitárias, por meio do projeto "Conhecendo o Meu Distrito".

*Esse lugar da Feisma [...] tinha esse objetivo que era a constru o de um projeto [...] eles poderiam conquistar esse dinheiro através do trabalho deles e que não era trabalho escravo de explora o de menores de idade, [...] tinham que fazer um orçamento, não podiam sair gastando por aí sem controle do dinheiro, comprando tudo [...], era pra fazer eles pensarem "eu tenho tanto dinheiro. Então, só posso gastar esse tanto de dinheiro". E os outros lugares era para conhecer mesmo as fontes históricas, a cultura. [...] para eles conhecerem lugares que nem sabiam que tinham na cidade [...] visitando as comunidades, conhecendo o distrito que pertencia   escola, que era um projeto "Conhecendo o Meu Distrito" (Entrevista P1).*

A P10 escolheu estes lugares, pois *"Cada momento, cada saída da sala de aula, cada saída da escola tinha um foco pedagógico [...]. Nunca era sair só por sair"*. E enfatiza que *"Ter uma convivência com outras realidades, conviver com outras pessoas, presenciar outras histórias de vida, acrescentar cada vez mais a sua cultura e o seu conhecimento... isso só engrandece ao aluno, ao estudante"*. Além do mais explana que ao conhecer as culturas materiais e imateriais, pode-se dizer que *"tudo isso   estudo do patrim nio histórico, que promove a percep o e a reflexão das crianças"*, além de

*“incentivar o aluno para que ele seja um bom observador [...], que seja um bom cidadão e principalmente que ele se interesse, valorize e preserve a sua própria história, a história local e sinta orgulho do seu próprio espaço”*. De mais a mais, lembra que *“no início os alunos tinham vergonha de dizer que eram de uma escola do campo, hoje isso já é bem diferente, os alunos têm orgulho em sair e dizer que estudaram no José Paim de Oliveira”*. Desse modo, os projetos de TP possibilitam a valorização dos espaços educacionais globais e locais. A partir disso, nota-se a necessidade da promoção da educação ambiental por meio da criatividade nas aulas-passeio a fim de preservar os patrimônios culturais e construir projetos de vida em diversos ambientes sociais. Segundo Moraes (2016, p. 82), *“Turismo Pedagógico? Mas o que seria isso? Nesta nova segmentação do turismo há uma ampliação dos espaços escolares, extrapolando os muros da escola para a construção de conhecimento. Mas qual é o sentido dessa modalidade de turismo?”* As vivências e experiências proporcionadas por estes projetos de trabalho permitem expandir conhecimentos em meio a vários espaços educativos.

No que concerne à terceira temática *“A promoção da educação ambiental por meio da criatividade nas aulas-passeio”*, a P2 relata que escolheu certos lugares para visitar, porque eles estavam de acordo com os estudos das aulas ao longo do seu trabalho e destaca que todas as disciplinas científicas são favorecidas pelo meio ambiente: *“Era dentro daquilo que a gente estava estudando, né? O meio ambiente favorece as ciências, tanto parte de vegetais quanto de animais, essa relação mútua de dependência que há entre eles [...] que vejam na prática o que tem nesses lugares”*. Enfatiza assim, a importância da educação ambiental na prática do Turismo Rural Pedagógico.

A P3 argumenta que a escolha destes locais acontecia pela possibilidade de estarem abertos à visita, a fim de receberem visitas das escolas: *“[...] eram locais possíveis de serem visitados e onde se dispunham de receber escolas, porque às vezes, não se consegue, não é permitido que a escola possa fazer uma visita lá”*. O P4 destaca que *“O professor de educação física sempre tem essa criatividade, tem que ser criativo para envolver ao máximo o aluno em atividades físicas”*, mas também que *“essas aulas-passeio, de caminhada, de brincadeiras e jogos ao ar livre a gente realizava pra aproveitar bastante os espaços em volta da escola”*. A P6, relata que a escolha desses espaços educativos era a fim de *“ter um espaço para as crianças brincar [...]”* mas, também, para *“não ficar o dia inteiro entre quatro paredes, deixar explorar bastante a natureza [...] mostrar que existem outros lugares, outras realidades, não só a escola”*. E

recorda-se de “ficar [...] atrás das árvores, colocando roupa de palhaço (risos)”.

Já que TP também é denominado Aula-passeio e esta é considerada Estudo do Meio, pode-se dizer que, segundo Moraes (2016, p. 134), “[...] o Estudo do Meio é uma modalidade educacional, que engloba atividades com as excursões e visitas técnicas, às quais se pretende conceituar, de modo consensual, como turismo pedagógico”. Torna-se cada vez mais necessário pensar na r(evolução) de uma educação para além da sala de aula. Afinal, por meio de tudo que é experienciado e vivido de forma educativa no e fora do ambiente escolar, também complementa a prática pedagógica que pode ser trabalhada em outros lugares.

#### **4.3 Espaços educacionais visitados mais de uma vez com outras turmas**

Ao longo da pesquisa, localizaram-se a partir das entrevistas os espaços educacionais visitados mais de uma vez pelos professores com outras turmas, a fim de reviver momentos já vividos por eles com diferentes alunos por meio das aulas-passeio. A seguir exibe-se e analisam-se alguns comentários que foram relatados nas entrevistas. Nesta seção encontram-se quatro temáticas sobre espaços educacionais de projetos de TP visitados mais de uma vez com as turmas: a) experiências antigas revisitadas que deixaram de existir em projetos de TP, b) ideias vindas da visita no mesmo lugar com a mesma turma, c) espaços perto e longe da escola para visitar com outro foco pedagógico, d) viagens virtuais rumo a cultura dos lugares do mundo.

No que se refere à primeira temática “experiências antigas revisitadas que deixaram de existir em projetos de turismo pedagógico”, a P1 afirma que já buscou retornar com suas turmas em lugares que já foram visitados com outras turmas de crianças. E destaca que “*Conhecendo meu Distrito, a gente fazia todos os anos com os alunos e depois começou a ficar difícil em função do transporte [...] aí a gente começou a fazer só com os professores [...] eles fazem a visita na casa das famílias uma vez ao mês*”. Comenta que os alunos não vão junto para visitar as famílias de seus colegas de turma: “*antes quando iam com os professores, conheciam onde seu colega morava, a distância que ele percorria da casa dele até a escola, o tempo que ele gastava viajando para ir até a escola*”. A P8 afirma que “*tinha um transporte do programa, um ônibus envelopado com o PROMSAC que levava os estudantes nessas localidades da região. Ele vigorou no município de 2017 até agosto de 2021*”. E finaliza, dizendo que “*Isso depende muito do planejamento do*

*professor, se o professor achasse interessante retornar para ver como estava o agora, o antes e, o depois, ele retornava para esses locais*". A P9 relata que *"A gente já fez passeios [...] com até quatro turmas quando íamos para cidade"*. Depois desta experiência negativa concluiu que: *"é muito mais proveitoso e mais seguro sair no máximo com duas turmas, porque eles têm diferentes interesses [...]"*. E complementa: *"Então, aquelas experiências positivas e que agregaram no desenvolvimento dos planos de estudos em ação, a gente sempre quer vivenciar novamente"*. Diante disso, percebe-se que na atualidade tudo se transforma à medida que se reflete sobre os desafios diários escolares, ao mesmo tempo em que evolui a sociedade. Entretanto, felizmente é possível aprender com a realidade tanto na quanto fora da escola. Quando as aulas-passeio em determinados espaços educacionais são mais do que aprovadas pelas crianças, vale a pena ir de novo para viver e reviver outra história.

É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos-adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e história (Freire, 2006, p. 45).

Diante do desejo de transformação na vida dos discentes e docentes, se observou durante a entrevista, ideias vindas da possibilidade de visitas de estudo no mesmo lugar com a mesma turma e não apenas com turmas diferentes em lugares diferentes.

No que tange a segunda temática "ideias vindas da visita no mesmo lugar com a mesma turma", o P5 comenta que *"tem o costume de ir caminhar com a mesma turma em outros espaços e não no mesmo espaço. Eu nunca fui, até poderia fazer para ver se foi alterado ou não o ambiente [...] é uma boa ideia"*. Durante a entrevista, o P5 ficou surpreso com a ideia de caminhar novamente no mesmo lugar com a mesma turma, pois ideou o seguinte: *"Uma caminhada no mesmo espaço que dá pra ir percebendo as mudanças climáticas das estações do ano, na primavera, no inverno, no outono e no verão, como tá a paisagem?"*. E exemplifica: *"nessa caminhada ecológica, posso ir caminhar quatro vezes com a turma, para eles perceberem a diferença na paisagem dependendo da estação do ano, porque às vezes eles transitam no transporte, mas eles não se dão conta do que veem"*. E justifica o porquê *"eles estão vendo sempre aquilo ali, até no próprio ciclo das lavouras. Agora está plantado o quê? Estão fazendo o que com a lavoura? Já foi colhido, não foi colhido? Tá sendo plantado, não tá? É uma boa!"* Por

fim, liga sua disciplina ao TP: *“Até para minha disciplina de técnicas agrícolas dá também, porque a gente pode conversar sobre as mudanças da lavoura, da época de plantio e da época de colheita das culturas”*. Daí a importância de desenvolver projetos articulados em parceria com diferentes áreas do conhecimento e com a participação das culturas escolares, familiares e infantis, gerando um envolvimento maior da comunidade escolar.

As novas perspectivas sobre as culturas da infância, as culturas familiares e a cultura escolar podem, certamente, nos auxiliar a pensar em um novo modelo de escolarização de qualidade para as crianças brasileiras, que entretença culturas e não as negue (Barbosa, 2007, p. 1079).

Na escola do campo, contemplam-se espaços perto e longe da escola para revisitar com outro foco pedagógico. Pois cada visita nos mesmos ou em diferenciados espaços educacionais com as mesmas ou com outras crianças, é realizada com outro olhar pedagógico, ou seja, com outra visão docente sobre os discentes durante o espaço a ser trabalhado com eles.

No que diz respeito à terceira temática “espaços perto e longe da escola para revisitar com outro foco pedagógico”, a P6 lembra que *“Às vezes, a gente ia no mesmo teatro, no mesmo lugar durante o ano se tivesse oportunidade da gente assistir né com a mesma turma”*. A P7 salienta que *“já fomos nos mesmos lugares, com turmas diferentes. [...] com a mesma turma no mesmo lugar[...] apenas na horta da escola”*, pois diz que: *“a gente foi no mesmo ambiente, porém com outro olhar, com outro foco pedagógico”*. Ainda relata que: *“ir fazer uma viagem no mesmo lugar com a mesma turma [...] daria porque tem sessões diferentes no Planetário [...] a gente vai ver outro filme, outra história, outro assunto”*. A P 10 salienta que *“a gente sempre procurava retornar a esses lugares, [...] muitas vezes, com outra visão, porque eram crianças diferentes, a gente ia cada vez aprofundando mais esse trabalho”*. O P2 argumenta que não retornava com suas turmas em lugares distantes: *“a gente acabava retornando para esses lugares quando era perto da escola”*.

O entrevistado P4 revelou que retornava perto da escola *“tinha o lugar [...] das frutas, um açude que nós tomávamos até banho, [...] o lugar das árvores que a gente brincava nos cipós e tinha a estrada em si, onde a gente tinha um relacionamento até com as pessoas [...] da comunidade”*. Mas também, *“No momento assim, que eles voltavam pra sala de aula, não digo cansados, mas mais tranquilos e mais dispostos a prestarem*



*atenção nas aulas”. A P3 comenta que buscava sempre retornar a estes locais, “devido à importância, o interesse do aluno em conhecer e aprimorar seus conhecimentos, enriquecer mais os estudos sobre determinado tema. Esse, às vezes, era o pedido deles mesmos que queriam retornar nesses locais”. A P9 diz que: “Acho muito importante as nossas crianças lá da escola rural conhecerem o centro da cidade, tá? [...] porque nós temos crianças na escola José Paim, que não conhecem a história da cidade. Então, tenho vontade de voltar sim”.*

Nesse contexto educativo, as crianças são capazes de se tornarem autônomas e decidirem os espaços educacionais em que desejam criar e recriar, consumir e produzir cultura.

*[...] é decidindo que se aprende a decidir. Tomar decisões é, portanto, fundamental para o desenvolvimento da autonomia do aluno. Dessa forma é interessante que a viagem proposta pelo (a) professor (a) seja opcional. Assim, o aluno já poderia começar exercitando a sua autonomia. Ele provavelmente irá querer participar da viagem [...] um dos meios mais prazerosos para se aprender (Moraes, 2016, p. 131).*

O movimento do TP põe alunos em contato com muitos lugares e, certamente, muitas pessoas, diferentes histórias de vida registradas na memória, o que os possibilita valorizar o que cada um é, tem e faz.

Por fim, “as viagens virtuais rumo à cultura dos lugares do mundo”, foi sobre a quarta, última temática encontrada. Vários espaços educacionais extraescolares sejam reais ou virtuais geram um imenso aprendizado e um círculo de relações sociais, naturais e culturais. Torna-se válido destacar que a P10 trouxe um olhar diferente para o turismo pedagógico que envolve as viagens virtuais, devido ao período pandêmico. E estas, por exemplo, possibilitam o conhecimento da cultura de diversos lugares do mundo.

*[...] várias vezes viagens virtuais durante a pandemia, um trabalho que eles tiveram que apresentar a viagem que fizeram em alguns lugares do mundo e na hora da apresentação, eles mostravam vídeos e fotos, curiosidades [...] eles amaram [...] fizemos antes um trabalho em aula, preparamos esse roteiro e eles saíram para a viagem em casa e procuraram pontos turísticos de cada região, a comida, a vestimenta, a religião, a arquitetura, a cultura de cada lugar. [...] quando a gente estuda história, a gente acaba fazendo também uma viagem no tempo! (Entrevista P10).*

É possível viajar virtualmente pelo Google, por exemplo, no próprio aconchego da casa, fazendo uma viagem no tempo a partir de cada momento rumo ao conhecimento da realidade dos vários espaços educacionais existentes na própria comunidade ou até mesmo

na cidade. A visita de estudo estimula os estudantes a serem cidadãos livres e autônomos, capazes de pensar em melhorar suas vidas pessoais e em meio à sociedade.

[...] o Turismo Pedagógico contribui para formar cidadãos, ou seja, pessoas conscientes de seus direitos e deveres e que querem contribuir da melhor maneira possível com as transformações de sua cidade (ou comunidade). A inserção do turismo no currículo escolar, portanto, permitiria ao aluno desenvolver a sua autonomia através do conhecimento das diversas realidades que o cercam e assim, ser capaz de utilizar sua liberdade, tomando decisões quanto às necessidades e melhorias de sua sociedade, e quanto aos mais adequados caminhos a seguir para o seu desenvolvimento pessoal (Moraes, 2016, p. 134).

Torna-se necessário reforçar que os projetos de TP agregam valor à educação na medida em que são capazes de transformar o processo de ensino e aprendizagem dos diversos protagonistas da escola, além de dar um sentido novo aos mais diversificados espaços sociais.

## **5 Considerações Finais**

Esta pesquisa buscou compreender “As Práticas de Turismo Pedagógico e os espaços educacionais em uma escola do campo” por meio de um estudo de caso na Escola M.E.F. José Paim de Oliveira. Analisou-se a compreensão dos espaços educacionais das práticas de turismo pedagógico nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Definiram-se três objetivos específicos, sendo que a pesquisa de campo foi através da metodologia qualitativa, com entrevista semiestruturada com dez professores da escola.

Verificou-se que foi possível compreender, com o primeiro objetivo, quais os espaços educacionais visitados com as turmas. Os professores estão familiarizados com a variedade de aulas-passeios em espaços educacionais rurais e urbanos na e para além da escola. Com o segundo objetivo referente aos motivos das escolhas pelos espaços educacionais, notou-se que os professores pontuaram tópicos que envolvem a relação teoria e prática em projetos de TP, o patrimônio cultural como ferramenta para impulsionar este tipo de trabalho, bem como a promoção da educação ambiental por meio da criatividade nas aulas-passeio. Com o terceiro objetivo, que toca os espaços educacionais visitados mais de uma vez com outras turmas, os entrevistados relembram experiências antigas em projetos de TP, sendo que algumas deixaram de existir na escola. Eles trouxeram ideias que foram suscitadas pela visita no mesmo lugar com a mesma turma e

comentaram sobre espaços perto e longe da escola que podem ser revisitados com outro foco pedagógico.

Quanto à finalização deste artigo, é pertinente analisar como estes projetos de trabalho impactam na vida de muitos protagonistas da escola. No decorrer da pesquisa, percebeu-se que há uma diversidade de espaços educacionais dentro e fora da escola e que práticas de TP integram o currículo da escola JPO. Visitas de curta ou longa duração com a mesma ou diferentes turmas nos mesmos ou em diferenciados espaços urbanos e rurais perto ou longe do ambiente escolar e até mesmo a horta e o próprio meio de transporte ou o pátio da escola, viagens reais e virtuais, passeios em espaços locais e globais na ou fora da cidade de Santa Maria, são considerados espaços educativos contextualizados que trazem sentido à vida e levam em conta atividades integradas à realidade de situações cotidianas. Nesse sentido, com práticas de TP significativas com flexibilidade e intencionalidade nas propostas de trabalho, bem como no planejamento de aula (que reflete o antes, agora e depois), pode-se dizer que elas estão ligadas à interdisciplinaridade. Isso se dá devido à articulação entre a teoria e a prática de diversos estudos de temas, conteúdos, disciplinas científicas e áreas do conhecimento da escola com vivências e experiências fora dela.

Através da inclusão destes espaços educacionais que são revisitados com diferentes objetivos pedagógicos por meio das práticas de TP, é possível explorar lugares sociais abertos e fechados e desenvolver ação cidadã em cada uma delas: capacidade de conviver de forma humana com outros indivíduos e atuar de forma sustentável na sociedade ao pensar de maneira crítica em como melhorá-la, bem como na solução para os problemas sociais; possibilidade de agir de forma responsável em equipe (gestão escolar, professores, estagiários, monitores, familiares, estudantes), pois cada ato reflete na comunidade; vivência de experiências positivas e negativas; grupo de debate a respeito da história do potente distrito da escola e dos distritos de Santa Maria; cultura do campo e da cidade; cultura escolar e comunitária; integração das famílias, brincadeiras e jogos ao ar livre; incentivo à solidariedade e valorização das pessoas de todas as idades; trabalho da nossa identidade enquanto povo; respeito aos direitos dos outros de experimentar e conhecer; exploração do meio ambiente e da natureza e de diversos espaços na universidade (UFSM); inserção da tecnologia para descobrir o mundo; promoção da educação financeira, da educação patrimonial e da educação ambiental. Cita-se ainda, viagens em diferentes espaços, uma viagem no tempo.

No que está relacionado às limitações desta pesquisa, sentiu-se dificuldade de

encontrar materiais informativos recentes em livros sobre o assunto durante o processo da construção deste artigo. Em referência às contribuições da pesquisa para o campo da educação destaca-se a que a educação contempla a dimensão do exercício da cidadania, a qual é essencial para a vida na escola e na sociedade. O turismo, aliado à educação, oportuniza aos estudantes o estudo na prática da teoria das disciplinas curriculares contextualizadas ao promover a interação entre diferentes pessoas e diversos espaços educacionais por meio da experiência e do conhecimento *in loco*. Espera-se ter contribuído para promover a pesquisa qualitativa no contexto das práticas escolares referente a um tema voltado para práticas não escolares.

No que corresponde às aprendizagens da autora durante a construção deste artigo, evidencia-se que um dos motivos para a escolha do tema é a leitura de mundo, pois é através dela que é possível ter conhecimentos prévios sobre o assunto por meio de experiências vivenciadas no ambiente escolar e universitário. Aprende-se que é necessário pegar a mochila, acreditar que dependendo do meio de transporte e da conexão do ponto de partida até o destino, é possível embarcar em diversos espaços educacionais. Tanto externos (de onde viemos, onde estamos e para onde vamos) quanto internos (quem somos e o que fazemos).

## Referências

ANDRADE, V. L. Turismo Pedagógico: A sala de aula da contemporaneidade. *In: Ecodebate*, ISSN 2446-9394, 2022. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2022/03/28/turismo-pedagogico-a-sala-de-aula-da-contemporaneidade>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BARBOSA, M. C. S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas **familiares**: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1059-1083, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/KsN57fkpqH35MtdpqcHfmZL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 de ago. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

FLIK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução por Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MORAES, C. M. S. **Turismo Pedagógico**. V. único. Rio de Janeiro: Cederj, 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.